



ISSN: 3085-6434•

DOI:

<https://doi.org/10.71263/x8kan719>

Proposições de Conteúdos do Imaginário no Ensino De Filosofia

*Ana Patrícia Gadelha da Costa Silva*¹

INTRODUÇÃO

Procuramos discutir sobre as adequações e pertinências dos conteúdos do imaginário² para o ensino de filosofia. Conteúdos, como: as imagens em diferentes afirmações pictóricas e culturais³; como os mitos, constituídos ao longo da história da humanidade e que foram

¹ Professora da Escola Referência em Ensino Médio Professor Humberto Soares, mestranda em filosofia - PROF-FILO/UFPR.

² Fazemos referência específica ao conceito de conteúdos do imaginário em Durand (2004).

³ Citemos, como exemplos, as imagens religiosas, as fotografias, como fontes complementares, as imagens de museus, as paisagens, as pinturas e, inclusive, a imagem do professor que, de certa forma, influencia percepções no meio educacional ao ser observado ou analisado, em algumas medidas.

exemplificados por Vernant (2006), com as narrativas que moldam os quadros mentais; como os sonhos, a exemplo da expressão específica do inconsciente, em Jung (2020), e como os desejos, peculiares aos indivíduos da contemporaneidade permeada pelas tecnologias e seus dispositivos tecnológicos.

O professor de filosofia se depara e interage, no campo teórico e prático de ensino, com conteúdos do imaginário, ao mesmo tempo em que a sua própria figura caracteriza uma imagem construída, ela também estará sempre se remodelando a todo instante. Exemplificamos com a “imagem do si – mesmo”, que segundo Jung (2014), portamos dentro de nós e que será sempre simbolizada historicamente. As reformulações da figura do professor também se dão por diferentes circunstâncias, sobretudo, por dinâmicas externas, a exemplo dos processos tecnológicos que lhes impõem mudanças de posturas, utilizações de novos aparatos, novas ideias e novos dispositivos oriundos das novas tecnologias, variações teóricas e metodológicas, dentre outras formas de alterações, muitas vezes contestadas ou refutadas. “O homem ‘civilizado’ reage a ideias novas da mesma maneira, erguendo barreiras psicológicas que o protegem do choque trazido pela inovação” (Jung, 2020, p. 33).

Propomos, assim, explorar as múltiplas possibilidades e contribuições dos conteúdos do imaginário no ensino de filosofia no nível Médio. As dinâmicas e rupturas geradas a todo instante pelos novos processos tecnológicos nos impõem desafios nos cotidianos de ensinos que vão além do desconhecimento das ferramentas e dos

dispositivos tecnológicos. Buscamos, portanto, compreender o que se passa no meio social e, ao mesmo, procuramos um autoconhecimento, enquanto professor, revendo e revisando os aparatos teóricos e metodológicos que temos acessos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ressaltamos que as próprias pretensões e objetivos dos estudantes e professores integram os conteúdos do imaginário, quando consideramos o pensamento teórico e conceitual de Durand (2004). Nesse caso, os conteúdos do imaginário – as imagens, os sonhos, os desejos, os mitos e etc. de uma sociedade nascem em meio a um percurso temporal de fluxos que recepcionam valores de inúmeras confluências sociopolíticas, econômicas e culturais.

Convém destacar dois aspectos essenciais com relações aos conteúdos do imaginário no ensino de filosofia, no nível médio: o primeiro diz respeito a imagem do professor como figura central do ensino; e o segundo aspecto, trata-se da instrução educativa nesse âmbito escolar, permeado pelos conhecimentos tecnológicos e pelas adaptações às novas exigências geradas pelas novas tecnologias que aparecem no nosso cotidiano. Em Kant (2012), a instrução, assim como a prática e a experimentação são exigências da razão. Na segunda proposição kantiana, a razão não conhece seu limite no âmbito dos seus projetos. Nesse caso, ela implica numa capacidade de alargar as regras e as intenções a fim de avançar gradativamente de uma fase de

introspecção para outra. Percebe-se, portanto, que tanto a imagem do docente quanto o ato educativo são conteúdos do imaginário.

O exame das possibilidades teóricas no que se refere ao conceito de imagem em Gilbert Durand, mostra-se pertinente para contextos que sofrem mudanças constantes em razão dos processos tecnológicos que também nos impõem, cotidianamente, incessantes revisões conceituais e metodológicas que superam isolamentos de antigas fronteiras epistemológicas. [...] as antigas fronteiras são vistas como marca do espírito acanhado, designam mais erro que a verdade (Bachelard, 2008, p. 73).

Dutra e Brennand (2024) destacam técnicas de IA⁴ que invadiram os espaços sociais solucionando problemas e configurando relações entre pessoas e máquinas, fazendo de nós “seres híbridos”. Nesse modo de relação pessoa-máquina, sobrepujam-se novas capacidades de se locomover, ver e ouvir e noções auxiliadas por dispositivos tecnológicos que viabilizam nossos aprendizados. Contudo, Dutra e Brennand (2024) fizeram questão de observar nos fatores positivos e negativos, benefícios e riscos inerente à IA. Nesse caso, podemos citar como exemplo as benesses das comunicações rápidas e dos transportes e, por outro lado, as desigualdades geradas pela utilização das tecnologias de armas utilizadas em guerras.

⁴ Dutra e Brennand (2024) compreendem o conceito de Inteligência Artificial – IA na fronteira entre a filosofia e às ciências exatas, em razão das limitações fronteirísticas dos conceitos. Desse modo, consciência e pensamento são fenômenos biológicos exclusivos aos seres humanos e as máquinas apenas simulam.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada é de revisão conceitual que leva em consideração um aporte teórico específico sobre a noção teórica e conceitual de imaginário do antropólogo Gilbert Durand. Assim, exploramos as múltiplas possibilidades e contribuições dos conteúdos do imaginário no ensino de filosofia no nível Médio.

Ademais, apresentamos uma noção de dinâmicas e rupturas geradas, a todo instante, pelos novos processos tecnológicos que estabelecem novos desafios nos cotidianos de ensinos. Desse modo, vamos além dos desconhecimentos das ferramentas e dos dispositivos tecnológicos, relendo e revisando os aparatos conceituais, teóricos e metodológicos, que temos acessos nos trabalhos cotidianos de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino que se debruça sobre manifestações e atividades humanas, sejam elas, concretas ou ainda idealizadas, propõem estabelecer diálogos epistemológicos com os conteúdos do imaginário e mais do que nunca com ferramentas e dispositivos tecnológicos. Além disso, o ensino de filosofia pode criar possibilidades de novas experiências filosóficas. Rocha e Silva (2018), acreditam que o professor de filosofia, elaborando condições para novas apreensão de ideias, pelos alunos da educação básica, viabilizariam seus imprescindíveis raciocínios, superando obstáculos próprios das experiências filosóficas. “A falta no exercício do filosofar durante a educação básica provoca no

estudante o que o senso comum designa como preguiça mental” (Rocha e Silva, 2018, p. 114).

De certa forma, Durand (2004) mencionou imagens simbólicas sustentadas pelo meio social, desempenhando papéis no jogo social para representar um conjunto imaginário de uma determinada época. Ao idealizar a figura do professor também como imagem simbólica, no universo durandiano, refletimos sobre o que se pode imaginar e o que pode ser racional, no tocante às imagens construídas nesse trajeto antropológico. Pitta (2017) destacou, nesse sentido, um ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. Podemos trazer como exemplo o ato de conjecturar o professor sendo responsabilizado para solucionar problemas de ordens socioeconômicas muito além de suas capacidades e possibilidades reais.

Junto a uma impossibilidade, do ponto de vista mais abrangente, ainda assim, seria possível um professor desenvolver um projeto de melhoria das condições socioeconômicas, ampliando os conhecimentos técnicos de seus alunos ou de pequenas comunidades. Sendo assim, em outras palavras, as imagens do professor, na perspectiva de imagens simbólicas de Durand (2004), serão construídas dentro de possibilidades concretas e, ao mesmo tempo, dentro das impossibilidades – realidades imaginárias. Nesse quadro, situam-se sonhos e desejos que também são conteúdos do imaginário. Não obstante, Bourdieu (2019) ressaltou a posição ambígua do intelectual, situada entre os dominados no meio dominante. Em outras palavras, para o autor, os professores, detentores de um capital cultural,

compõem uma fração dominada da classe dominante, tendo suas tomadas de posição, em matéria de política, apropriadas a essa imprecisão de sua posição.

CONCLUSÃO

Consideramos que os conteúdos do imaginário, sobretudo, imagens, sonhos e desejos e mitos caracterizam manifestações culturais individuais e coletivas indissociáveis do ensino de filosofia. Em várias medidas essas manifestações, elaboradas pelas ações humanas, configuram-se como pluralidades culturais, sendo elas materiais ou imateriais.

As manifestações míticas, artísticas, de simbologias, de símbolos ou representações, com imagens de naturezas diversificadas aparecem entre os valores socioculturais de determinados contextos e de épocas específicas. Sendo assim, por mais sucinto que seja o estudo, o ensino ou a questão filosófica formulada, estaremos estabelecendo interações diretas ou indiretas com conteúdo do imaginário, caso reflitamos sobre a noção conceitual de imaginário em Gilbert Durand (1921-2012). Assim como também, o atual ensino da filosofia vai inevitavelmente se relacionar com distinções e rupturas ligadas ao dinâmico universo tecnológico e as exigências peculiares da contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras-chave: Imaginário. Filosofia. Tecnologia.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **Estudos**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: contraponto, 2008.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do Imaginário**. Trad. Helder Godinho. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

DURAND, G. **O Imaginário**: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

DUTRA, D. J. V.; BRENNAND, E. G. de G. **Intelligence and Philosophy: between new and old artificial crossroads**. Unisinos Journal of Philosophy. D25 (1). P. 1-5, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fun/a/ytgsjNqHfWKcXXmWWhMrf4D/>. Acesso em 22 de out. 2024.

JUNG. C. G. **O homem e seus símbolos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Harpes Collins, 2020.

JUNG. C. G. **Sobre sonhos e transformações**: sessões e perguntas de Zurique. Trad. Lorena Richter. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário**. 2ª ed. Curitiba: CRV, 2017.

ROCHA, G. K. da; SILVA, N. G. (Org.). **Sertão filosófico**: o ser-tao vai vir-à-mar. – Olinda: Livro Rápido, 2018.

VERNANT, J-P. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Trad. Joana Angélica D'Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

